

O misterio de Nemesio Antunez

Numa época como a nossa, em que dominam as teorias científicas, explicando os fenômenos mais complexos, do mundo físico até o do subconsciente, em que tudo parece dever ser explicado para se tornar uma realidade conhecida em suas causas e consequências, pode parecer estranho que alguém se detenha na contemplação emocionada do misterio das coisas. E torna-se cada vez mais raro o homem, que, sem a preocupação de elucidar, se detém, sonhador, buscando apenas entrever as palavras não pronunciadas mas intencionadas, ou ler nas entrelinhas de um autor sugestivo. Estamos no campo do misterio das coisas. E é o misterio o que mais importa na pintura de Nemesio Antunez.

Não é a visão do Chile, como pode parecer, o que mais interessa para esse artista sensível: ele ama o misterio que envolve todos os objetos e paisagens que o rodeiam. Para retrata-lo melhor suas telas focalizam os diferentes temas constantemente na atmosfera envolvente e sutil da noite, quando todas as formas se transfiguram, se tornam imprecisas, adquirindo uma sugestão especial, que Nemesio Antunez nos transmite com todo seu misterio.

Ao contrario de quase todos os pintores atuais (que tudo dizem sem deixar nada à imaginação daqueles que os observam), o artista chileno, sempre se expressando em atmosfera de semi-penumbra, nos transmite os objetos transformados no ambiente exótico e estranho de seu colorido, despertando por contrastes vibrantes, deixando ao publico toda a sugestão da magia de sua arte.

Como o afirma o proprio Antunez, ao realizar uma obra, parte da cor, não do desenho ou de qualquer esboço. Constrói seu trabalho baseado no sentido dramático do contraste de cor. E está no colorido uma de suas armas mais fortes: a explosão de uma cor vibrante em meio a uma atmosfera cinza, ou negra. A mancha vibrante que irrompe surge fantasmagórica, e com ela Antunez consegue uma mobilidade assombrosa em suas telas de atmosfera mágica, de ambiente lunar. Ao contrario da maioria dos pintores, cujas obras se confundem muitas vezes com as paredes em que estão colocadas, os trabalhos de Nemesio Antunez se destacam, possuindo extraordinária vida propria, vivos em si, um microcosmos com sua atmosfera tão especial.

Em relação às formas utilizadas, Nemesio Antunez tem uma atitude um tanto parecida a do pintor japonês: pou-

cas as formas dentro do quadro. Nele o que vigora não é tanto o poder de invenção de formas, mas, obter o maximo aproveitamento de um objeto (como no caso dos trabalhos expostos atualmente no Museu de Arte Moderna, no Ibirapuera, o tema de vulcão, bicicleta, toalha, volta sempre); busca através de um trabalho minucioso, e por meio da cor, intundir a esse objeto uma atmosfera surrealista, toda propria.

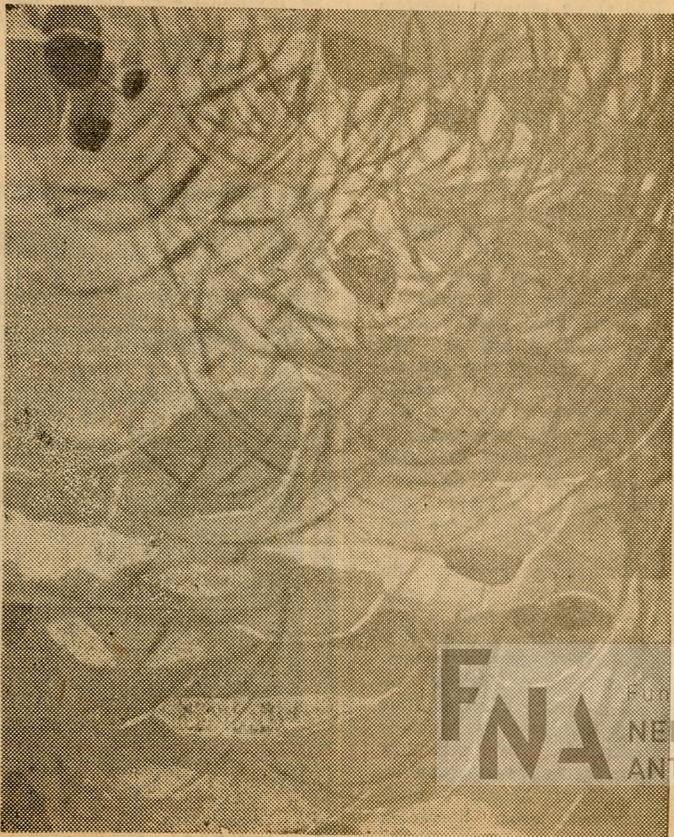
A fidelidade à sua terra se manifesta por partir sempre da natureza, sem jamais convertê-la em simbolo. Vulcão é vulcão, pedra é pedra, bicicleta é bicicleta — e mesmo que sugira outra coisa, sempre há um retorno à forma primitiva, de grande força. — O que transforma, ou antes, transfigura esses objetos é a cor, e a maneira como os ilumina em seus trabalhos. Mas a natureza não é traída: nele, o sabor da terra é sempre muito mais forte que a plastica. E as cores irrompem, vibrantes em seu brilho exótico, luxuriante, sem, contudo, por esse motivo se convertem em decorativas.

E' magnificamente refinada a pintura, diríamos, "confidencial", ou "intimista", de Nemesio Antunez. Como bem diz o poeta Pablo Neruda, ao apresentá-lo ao publico paulista: "...E' delicado em seus motivos porque no campo chileno se tece fino, se canta fino, se amassa terra fina..."

Nemesio Antunez nasceu no Chile em 1918. Estudou arquitetura na Universidade Católica de Santiago, mas nunca exerceu sua profissão. Em 1943 viajou para Nova York, onde permaneceu sete anos, pintando e também gravando no "Atelier 17" de S. W. Hayter. Em 1950 foi para a Europa, onde residiu três anos. Regressou ao Chile em 1953, dedicando-se intensamente à pintura, gravura, desenho, e ao mural. Recebeu, em 1956, em Santiago, o "Premio de los Criticos". Em 1957, na IV Bienal, recebeu o "Premio Ernesto Wolf", para um pintor latino-americano. Realizou exposições individuais em Nova York, Washington, Paris, Oslo, Lima e Santiago, possuiu trabalhos nos Museus de Arte Moderna de São Paulo e Nova York, de Arte de Cincinatti, de Belas Artes de Arte Contemporanea de Santiago, e na Biblioteca do Congresso de Washington.

Depois de sua atual exposição em São Paulo, no M. A. Moderna no Parque Ibirapuera, irá ao Rio de Janeiro, onde deverá expor pela primeira vez, no Museu de Arte Moderna, no dia 12 de novembro.

22-X-58
A GAZETA S. PAULO



"Pantano", de Nemesio Antunez

FNA Fundación NEMESIO ANTÚNEZ

QUIRO PRETO NO LAPIS DE YOC